

Pensar é metaforizar: a linguagem política de Javier Milei sob a ótica da Teoria da Metáfora Conceptual

Thinking is Metaphorizing: Javier Milei's Political Language from the Perspective of Conceptual Metaphor Theory

Leidiane do Livramento Lima Sarges¹
*Universidade Estadual do Maranhão,
São Luís, Maranhão, Brasil*

Carliane Miranda Carneiro Aguiar²
*Universidade Estadual do Maranhão,
São Luís, Maranhão, Brasil*

Hanna Gabrielle do Vale Almeida³
*Universidade Federal do Maranhão,
São Luís, Maranhão, Brasil*

Monica Fontenelle Carneiro⁴
*Universidade Federal do Maranhão
São Luís, Maranhão, Brasil*

Resumo: O objeto de estudo da presente pesquisa são metáforas conceituais retiradas do discurso de posse de Javier Milei (Argentina, 2023), à luz da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), (Lakoff & Johnson, 1980; 2002). O objetivo deste trabalho é analisar como Milei recorre a esquemas metafóricos para conceptualizar domínios abstratos, como economia, política e poder por meio de imagens concretas e corporificadas, investigando de que modo esses mapeamentos metafóricos facilitam a compreensão e a avaliação cognitiva desses conceitos no discurso de posse. A pesquisa, de natureza qualitativa, documental e interpretativa, identifica, categoriza e interpreta metáforas voltadas para a concepção de Estado por Milei. A análise revela que o uso desses recursos linguísticos orienta a compreensão do público e atua na consolidação de identidades políticas e na legitimação ideológica do discurso do presidente, demonstrando o papel central da linguagem metafórica na construção simbólica do poder político.

Palavras-chave: Metáfora conceptual. Discurso político. Javier Milei. Linguística cognitiva. Análise.

¹ Professora Substituta pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, campus Pinheiro/MA. Professora pelo PARFOR/Universidade Federal do Maranhão – UFMA, São Luís/MA. Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA e graduada em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. E-mail: leidyuniversitaria@gmail.com.

² Professora Substituta pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, campus Presidente Dutra/MA. Professora pela SEDUC/MA. Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA e graduada em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. E-mail: carlianemca@gmail.com.

³ Professora pelo PARFOR/Universidade Federal do Maranhão – UFMA, São Luís/MA. Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA e graduada em Letras pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA. E-mail: hannagvalmeida@gmail.com.

⁴ Professora Doutora e Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do Departamento de Letras –DELER – e do quadro permanente dos Programas de Pós-Graduação em Letras -PPGLETRAS (Campus de São Luís) e PPGLB (Campus de Bacabal) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professora colaboradora do PPGDIR -Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: mf.carneiro@ufma.br.

Abstract: The object of study of the present research is the conceptual metaphors extracted from Javier Milei's inaugural address (Argentina, 2023), analyzed within the framework of Conceptual Metaphor Theory (CMT) (Lakoff & Johnson, 1980; 2002). This study aims to examine how Milei employs metaphorical schemas to conceptualize abstract domains such as economy, politics, and power through concrete and embodied images, investigating how these metaphorical mappings facilitate the cognitive understanding and evaluation of such concepts in the inaugural discourse. The research adopts a qualitative, documentary, and interpretative approach, identifying, categorizing, and interpreting metaphors related to Milei's conception of the State. The analysis reveals that the use of these linguistic resources guides audience understanding and contributes to the consolidation of political identities and the ideological legitimation of the president's discourse, demonstrating the central role of metaphorical language in the symbolic construction of political power.

Keywords: Conceptual metaphor. Political discourse. Javier Milei. Cognitive linguistics. Analysis.

1 INTRODUÇÃO

A linguagem humana desempenha papel central na comunicação e na forma como os indivíduos estruturam, compreendem e dão sentido à realidade. Nos últimos anos, os estudos linguísticos têm avançado para além de uma perspectiva puramente formal ou descritiva da linguagem, explorando dimensões cognitivas e discursivas. Nesse contexto, a Linguística Cognitiva, especialmente por meio da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) de Lakoff e Johnson (1980; 2002), evidencia que as metáforas não são meros adornos estilísticos, mas mecanismos cognitivos que estruturam o pensamento e organizam o discurso sobre o mundo.

No âmbito do discurso político, as metáforas desempenham funções estratégicas: informam, persuadem, consolidam identidades, ativam frames culturais e evocam emoções. Assim, compreender como as metáforas operam em discursos presidenciais permite revelar não apenas os processos cognitivos subjacentes, mas também os mecanismos de persuasão e construção ideológica.

Os discursos de posse presidencial constituem momentos privilegiados de análise, pois representam instâncias simbólicas em que líderes recém-eleitos expõem suas visões de mundo, projetos de governo e formas de relação com a sociedade e as instituições do Estado. No caso do discurso de posse de Javier Milei (Argentina, 2023), observa-se a utilização recorrente de metáforas conceptuais que estruturam cognitivamente conceitos políticos complexos, como economia, crise e poder, por meio de domínios mais concretos, tais como guerra, doença ou corpo.

Diante disso, este estudo propõe uma análise do discurso de posse de Milei à luz da TMC, visando identificar e categorizar as metáforas conceptuais predominantes, compreender seus efeitos cognitivos e persuasivos e analisar como tais recursos discursivos contribuem para a construção de sentido e para a veiculação da ideologia política do líder. Além dos autores citados, contribuem com a pesquisa na área da LC, Ferrari (2011), Carneiro (2009; 2014) e Silva (1997).

O objetivo deste trabalho é analisar como Milei recorre a esquemas metafóricos para conceptualizar domínios abstratos, como economia, política e poder por meio de imagens concretas e corporificadas, investigando de que modo esses mapeamentos

metafóricos facilitam a compreensão e a avaliação cognitiva desses conceitos no discurso de posse

Por fim, a metodologia da pesquisa é de abordagem qualitativa, interpretativa e documental, baseada na análise textual e argumentativa do discurso oficial de posse de Milei, disponibilizado no portal *on-line* CNN Brasil, traduzido pela equipe jornalística do portal. O estudo segue três etapas metodológicas: a) identificação das metáforas conceptuais com base nos domínios cognitivos ativados; b) classificação das metáforas como orientacionais ou ontológicas; e c) interpretação de seus efeitos cognitivos, persuasivos e ideológicos no discurso do presidente argentino. Não foram consideradas todas as metáforas conceptuais encontradas no texto, como explicado na sessão metodologia.

A seguir, a sessão 2 fará um breve percurso histórico da difusão da Linguística Cognitiva desde o nascimento nos Estados Unidos da América, Europa até chegar ao Brasil; a 3 explicará a metodologia adotada, fontes de busca do *corpus* analisado; a sessão 4 se ocupa da análise das metáforas conceptuais/expressões metafóricas encontradas no texto de posse, e por fim, a sessão 5 é composta pela conclusão da pesquisa.

2 A LINGUÍSTICA COGNITIVA E A SUA DIFUSÃO

A Linguística Cognitiva surge nos Estados Unidos, a partir do final da década de 1970, como uma reação ao paradigma formalista da Gramática Gerativa (Noam Chomsky), que concebia a linguagem como um sistema autônomo e desvinculado da cognição geral. Em oposição a essa perspectiva, autores como Lakoff, Langacker e Talmy defendem que a linguagem se ancora nos processos cognitivos, na experiência corporal e no uso. Destaca-se, nesse contexto, a contribuição de Lakoff, em diálogo com a psicologia cognitiva, ao afirmar o caráter conceptual do significado e o papel estruturante da metáfora no pensamento (Lakoff & Johnson, 1980), bem como a proposta de Langacker de uma Gramática Cognitiva, segundo a qual forma e significado constituem uma unidade indissociável emergente do uso linguístico (Langacker, 1987; 1991). Desse modo, a Linguística Cognitiva norte-americana consolida-se ao integrar linguagem, cognição e experiência, influenciando de forma decisiva os estudos contemporâneos sobre sentido e conceptualização.

Na Europa, difundiu-se rapidamente, em países como Alemanha, Holanda e Inglaterra, consolidando-se como uma das abordagens teóricas mais produtivas para o estudo da linguagem. Nesse contexto, grupos de pesquisa em linguística funcional e psicolinguística passaram a incorporar modelos cognitivos em suas investigações de forma sistemática, ampliando as possibilidades de aplicação dessa perspectiva. Paralelamente, a LC começou a dialogar com outras áreas do conhecimento, como filosofia da mente, psicologia cognitiva e neurociências, o que fortaleceu sua base interdisciplinar.

No Brasil, essa ciência ancora-se na década de 1980, tornando-se mais expressiva nos anos 1990, especialmente com a tradução de obras como *Metaphors We Live By* (Lakoff & Johnson, 1980) e *Foundations of Cognitive Grammar* (Langacker, 1987). Instituições como a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Universidade Federal do Ceará (UFC),

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) são algumas das instituições que primeiro trabalharam a LC e ajudaram na sua difusão pelo país.

Enquanto o Gerativismo, por exemplo, trata a linguagem como um sistema autônomo e abstrato, a LC entende-a como expressão das capacidades cognitivas humanas, intimamente ligada à experiência corporal, percepção sensorial e interação com o mundo.

Silva (1997, p. 61) observa que:

O estruturalismo linguístico entende a linguagem como um sistema autossuficiente, cujas regras e princípios próprios regem a percepção do mundo. Por sua vez, a gramática gerativa considera a faculdade da linguagem uma competência autônoma da mente, independente de outros processos cognitivos; assim, o conhecimento linguístico seria separado de outras formas de conhecimento.

Nessa perspectiva, as estruturas linguísticas resultam de processos cognitivos gerais, como categorização, esquematização e analogia, sendo moldadas pela frequência, pela recorrência e pelo contexto de uso.

Segundo Ferrari (2011), a LC não se propõe a descrever a língua como um sistema fechado, mas como parte de um sistema cognitivo em constante interação com o ambiente físico e social, integrando o denominado Modelos Baseados no Uso, que concebem a língua como um sistema dinâmico que emerge do uso efetivo em contextos reais de interação, rejeitando a ideia de regras abstratas e inatas independentes da experiência.

A autora destaca ainda que o termo Linguística Cognitiva foi adotado por pesquisadores como George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore e Gilles Fauconnier, que, embora compartilhassem algumas premissas da Semântica Gerativa, buscavam explicar melhor as relações entre sintaxe e semântica, além de investigar as interações entre forma e significado na linguagem. Como sintetiza Ferrari (2011), a LC partiu da ideia de que a linguagem é a ponta do iceberg, em referência a Fauconnier.

Dessa forma, a LC compreende a linguagem a partir da cognição, relacionada a processos mentais, como memória, atenção, categorização e raciocínio. Nesse contexto, a linguagem não é apenas um código simbólico, mas uma janela privilegiada para o estudo da mente humana. A abordagem também é aberta à interdisciplinaridade, integrando conhecimentos das seguintes áreas: psicologia, neurologia, antropologia e inteligência artificial, refletindo o caráter transdisciplinar da pesquisa cognitiva (Carneiro, 2014, p. 71).

Além disso, por ser considerada uma ciência, a LC considera que a mente é corporificada, que grande parte do pensamento ocorre de forma inconsciente e que conceitos abstratos são frequentemente estruturados por metáforas. Nesse sentido, Lakoff e Johnson (2002) enfatizam que a experiência humana é fundamental para a formação da linguagem e do pensamento, que constituem componentes centrais da

cognição e da vivência sociocultural. Assim, os pesquisadores deixaram de lado modelos gerativos e semântica formal, desenvolvendo uma abordagem que hoje é conhecida como Linguística Cognitiva.

Após essa breve abordagem, os parágrafos seguintes apresentarão a metáfora, perpassando pelos conceitos primordiais de Aristóteles até a visão cognitiva difundida por Lakoff e Johnson.

Os primeiros estudos sobre a metáfora, no âmbito da tradição clássica, remontam a Aristóteles. Aristóteles, na obra *Arte Retórica* e *Arte Poética* (2001), concebe a metáfora como uma expressão estética e artística, vinculada à habilidade de “bem falar”. Para ele, o uso metafórico eleva o discurso a um nível mais elaborado e nobre, sendo um recurso que embeleza a linguagem. Contudo, Aristóteles adverte que o uso excessivo de metáforas pode comprometer a clareza e a inteligibilidade do texto, dificultando a compreensão do interlocutor.

O teórico observa que o uso da metáfora não se limita ao campo literário, uma vez que ela constitui um recurso recorrente da linguagem ordinária, presente nas práticas comunicativas cotidianas. Essa observação evidencia que o filósofo percebia a presença da metáfora na linguagem comum, embora tenha conferido à poesia o papel de espaço privilegiado para seu uso, associando-a à nobreza e à expressividade do discurso literário.

Na tradição retórica e gramatical, a metáfora foi concebida por séculos como uma figura de linguagem, um ornamento estilístico destinado a embelezar o texto. Essa visão, ainda amplamente difundida em livros didáticos, limita a metáfora ao campo da estética verbal, desvinculando-a de processos cognitivos ou conceituais. Essa perspectiva começa a ser contestada com o surgimento da linguística cognitiva, especialmente a partir dos estudos de George Lakoff e Mark Johnson em *Metáforas da Vida Cotidiana* ([1980] 2002).

Esses autores propõem uma mudança paradigmática ao conceber a metáfora não como um adorno linguístico, mas como um mecanismo cognitivo fundamental para a organização do pensamento humano. Para Lakoff e Johnson (2002, p. 48), “a metáfora não está meramente nas palavras que usamos, está no próprio conceito de discussão. A linguagem da discussão não é poética, ornamental ou retórica; é literal”. Essa afirmação marca uma ruptura com a tradição clássica, pois desloca o estudo da metáfora do plano da forma para o plano da cognição.

A Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) reformulou completamente o modo como a metáfora é entendida, demonstrando que ela estrutura o raciocínio humano ao transformar experiências concretas em conceitos abstratos.

De acordo com os autores:

Nosso sistema conceptual não é algo do qual normalmente temos consciência. [...] Já que a comunicação é baseada no mesmo sistema conceptual que usamos para pensar e agir, a linguagem é uma fonte de evidência importante de como é esse sistema” (Lakoff; Johnson, 2002, p. 46).

Nesse sentido, as metáforas são compreendidas como mapeamentos entre domínios conceptuais, em que um domínio mais concreto (como o espaço físico) serve

para compreender outro mais abstrato (como o tempo, as emoções ou a política). Um exemplo de metáfora conceptual pertinente ao material analisado é *POLÍTICA É GUERRA*, no qual um domínio concreto e experiencial, o da guerra (domínio-fonte) estrutura a compreensão de um domínio abstrato, o da política institucional e eleitoral, (domínio-alvo). Essa metáfora é acionada por expressões linguísticas recorrentes no discurso político, tais como *“lutar pelo país”*, *“enfrentar os adversários”*, *“atacar propostas”*, *“vencer a batalha eleitoral”* e *“derrotar o inimigo”*. Tais formulações evidenciam um modo de conceptualizar a política como um campo de confronto, em que há oponentes, estratégias, vitórias e derrotas, orientando cognitivamente a interpretação dos eventos políticos e produzindo efeitos persuasivos e ideológicos no discurso.

A partir dessa nova perspectiva, a metáfora passa a ser vista como um elemento essencial do pensamento e da linguagem, e não apenas como uma construção estética. Com os avanços dos estudos da LC, Carneiro (2009, p. 40) destaca que:

A linguagem humana passou, então, a ser estudada como expressão tanto das experiências pessoais, sociais e culturais, como das manifestações do conhecimento, da estrutura conceptual e do processamento cognitivo, e a metáfora ganhou uma dimensão de muito maior relevância e abrangência do que tivera até então.

A autora sintetiza a virada teórica promovida pela Linguística Cognitiva ao conceber a linguagem como indissociável da experiência, da cognição e da cultura. Nesse enquadramento, a metáfora deixa de ocupar um lugar periférico e passa a assumir papel de destaque na organização do pensamento e na construção dos sentidos. Assim, ela se revela um instrumento privilegiado para a compreensão dos processos cognitivos e discursivos que sustentam a construção da realidade pela linguagem.

Portanto, historicamente, o tratamento da metáfora como figura de linguagem restringiu sua compreensão a um fenômeno retórico ou literário. Com a virada cognitiva proposta por Lakoff e Johnson (2002), essa noção se amplia, e a metáfora passa a ser entendida como um mecanismo conceptual que estrutura a forma como o ser humano percebe, pensa e age. A compreensão da metáfora como processo cognitivo exige a articulação entre a Teoria da Metáfora Conceptual e a Teoria da Mesclagem Conceptual. Enquanto a TMC explica a metáfora como mapeamento sistemático entre domínios conceptuais, a TMCe evidencia os processos dinâmicos de integração conceptual responsáveis pela emergência de novos sentidos, reforçando o caráter estrutural e estruturante da metáfora no pensamento humano. Como afirmam os autores, “a maior parte de nosso sistema conceptual ordinário é de natureza metafórica” (Lakoff e Johnson, 2002, p. 45), o que revela que o pensamento humano é, em grande medida, organizado por meio de metáforas que estruturam e organizam nossa compreensão do mundo.

Enriquecendo os estudos da metáfora, teórico da análise do discurso político, Charteris-Black (2005, p. 33), explica que o discurso político é tratado como um esquema muito produtivo e as metáforas são empregadas como recurso de função persuasiva. Para o autor, “políticos não são poetas e, portanto, sua linguagem é caracterizada por metáforas convencionais, como “o caminho da justiça “ou” o caminho para a vitória”. Em

específico, ele destaca o esquema de viagem que também dá suporte para a metáfora conceptual A VIDA É UMA VIAGEM / JORNADA, estrutura de ensinamento de uma partida, origem, um trajeto e uma meta. Dessa forma, afirma:

O esquema de viagem é retoricamente atraente para políticos e líderes porque pode ser transformado em um cenário completo quando eles se apresentam como “guias”, suas políticas como “mapas” e seus apoiadores como ‘companheiros de viagem’. Todas essas implicações da fonte domínio contribuem para a confiança que procuram estabelecer (Charteris-Black, 2005, p. 47).

O autor destaca que a metáfora da viagem estrutura o discurso político ao posicionar o líder como guia legítimo, reforçando efeitos de confiança, orientação e adesão coletiva ao projeto político. Ainda, parafraseando o autor, o discurso político persuasivo opera por meio da emoção, e não apenas da razão. Com isso, as metáforas tornam-se instrumentos de persuasão ideológica e emocional, ativando esquemas corporificados e experiências básicas compartilhadas pelos ouvintes.

A seguir, será apresentada uma análise argumentativa do discurso de posse de Javier Milei, contendo ainda o contexto sócio-histórico da Argentina à época, um breve resumo do texto de posse, identificação, categorização e interpretação das metáforas.

3 METODOLOGIA APLICADA À PESQUISA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, descritiva e interpretativa, fundamentada nos pressupostos da Linguística Cognitiva, com ênfase na Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff & Johnson, 1980). O *corpus* da investigação é constituído por metáforas conceptuais presentes discurso de posse de Javier Milei, proferido em 10 de dezembro de 2023, ocasião em que assumiu a presidência da Argentina em um contexto de acentuada polarização política e crise econômica.

A escolha desse material para análise justifica-se por seu caráter inaugural e simbólico, uma vez que se trata de um enunciado fundador de governo, no qual se percebe valores em jogo, diagnósticos e promessas que buscam legitimar uma nova ordem política. Ademais, o discurso foi produzido em uma conjuntura marcada por inflação elevada, descrédito nas instituições tradicionais e também por uma oposição forte ao governo anterior, de Alberto Fernández e Cristina Kirchner (o peronismo, um movimento político argentino, surgido nos anos 1940 com Juan Domingo Perón, que defende justiça social, forte papel do Estado na economia, valorização dos trabalhadores e nacionalismo, combinando políticas sociais com liderança carismática).

Como critério de seleção do *corpus*, considerou-se: a) a relevância político-discursiva do evento; b) a ampla circulação midiática do discurso; e c) a presença recorrente de metáforas relacionadas à ruptura, reconstrução, crise e transformação. Os procedimentos metodológicos desenvolvem-se em três etapas: (i) identificação das expressões metafóricas voltadas à ECONOMIA, À GUERRA E AO PODER presentes no discurso; (ii) mapeamento dos domínios-fonte e domínios-alvo subjacentes às

metáforas conceptuais; e (iii) interpretação dos efeitos cognitivos dessas metáforas, considerando o contexto sócio-histórico de produção do texto e sua função na construção da imagem do sujeito político.

O texto, traduzido por Guilherme Padin, foi retirado do portal CNN Brasil, postado no dia do acontecimento. Por estar em língua portuguesa, facilitou a análise e compreensão das expressões destacadas nesta pesquisa.

Para compreender o tom do discurso e palavras usadas é necessário que se compreenda como estava a Argentina à época, momento da posse: o cenário era de grande polarização política e crise econômica. Eleito com mais de 55% dos votos válidos, Milei derrotou o candidato peronista Sergio Massa, ascendeu ao poder em meio a um país marcado por inflação elevada, déficits fiscais significativos e uma crescente desconfiança nas instituições políticas tradicionais, conforme a mídia noticiava à época (vide notícia na página na *web* infomoney.com., de 20 de novembro de 2023).

Em seu discurso, o novo presidente declarou o início de uma “nova era” para a Argentina, caracterizada por “paz, prosperidade, liberdade e progresso” conforme excertos ao longo o texto original. Ele criticou duramente a gestão anterior, afirmando que o país enfrentava uma “herança devastadora”, o que acarretava prejuízo direto ao PIB do país. O momento de posse marcou a ascensão de Javier Milei ao poder, consolidando um discurso de ruptura, sustentado em princípios de austeridade, meritocracia e redução da intervenção estatal.

O discurso de posse de Javier Milei, proferido diante do Congresso Nacional e transmitido para uma multidão reunida nas ruas de Buenos Aires, destacou a gravidade da situação econômica da Argentina e a necessidade de medidas necessárias para o enfrentamento da crise. Em sua fala, Milei adotou um tom de urgência e de ruptura, reafirmando que não havia “alternativa ao ajuste” e que o país vivia um quadro de emergência econômica e moral.

Com forte retórica liberal, o presidente enfatizou a redução do tamanho do Estado, a necessidade de equilíbrio fiscal, a abertura ao livre mercado e o combate à inflação como prioridades de seu governo. Diferentemente de discursos tradicionais de posse, o novo presidente argentino evitou mensagens conciliatórias, preferindo reforçar a ideia de que sua gestão representaria uma mudança radical em relação ao passado.

Assim, a fala inaugural de Milei consolidou os eixos considerados destaques de sua campanha: liberalismo econômico radical, discurso antipolítico e promessa de refundação da Argentina por meio de medidas de austeridade. Ao fazê-la o presidente demonstra uma imagem de líder disruptivo e confrontador, disposto a desafiar o sistema político e econômico então ali estabelecido.

Na sessão a seguir, serão apresentadas metáforas conceptuais e expressões metafóricas com as análises à luz da LC e da TMC, conforme informado ao longo do texto. Em ordem, serão destacadas as metáforas e expressões metafóricas, classificação em ontológica ou orientacionais (na Teoria da Metáfora Conceptual, as metáforas ontológicas permitem conceptualizar experiências abstratas como entidades ou substâncias, tornando-as cognitivamente manipuláveis, enquanto as metáforas

orientacionais organizam conceitos a partir de esquemas espaciais básicos, derivados da experiência corporal, como cima/baixo ou dentro/fora).

4 ANÁLISE DE METÁFORAS CONCEPTUAIS PRESENTES NO DISCURSO DE POSSE DE JAVIER MILEI (2023)

Com base na TMC, compreende-se que as metáforas transcendem a função meramente ornamental da linguagem, atuando como instrumentos que revelam e estruturam modos de pensar e até mesmo de agir, seja perante uma plateia, seja no íntimo do cidadão. No campo político, isso se consolida de forma mais transparente e elas assumem papel fundamental na conceptualização humana, por permitir a compreensão de conceitos abstratos a partir de modelos cognitivos de caráter mais concreto e acessíveis à experiência humana, tornando o discurso mais persuasivo e emocionalmente mobilizador.

Partindo desse pressuposto, esta seção tem como objetivo identificar, classificar e interpretar as metáforas conceptuais presentes no texto de posse de Milei. Para isso, cada metáfora é analisada a partir dos componentes: domínio-fonte, o campo de experiência concreta no qual se extrai a estrutura metafórica; domínio-alvo, o conceito abstrato que é compreendido por meio do domínio-fonte; função cognitiva, a maneira como essa metáfora atua no plano argumentativo, ao contribuir para a construção de sentidos e para a persuasão do público. Vejamos os exemplos:

a) ECONOMIA É UM CORPO DOENTE (metáfora conceptual ontológica)

Expressão metafórica: “Nosso país está em terapia intensiva”

Excertos: “Deixe-me ser muito claro sobre isso. Nenhum governo recebeu uma herança pior do que a que estamos recebendo [...] O governo anterior nos deixou com a hiperinflação e é nossa principal prioridade fazer todos os esforços possíveis para evitar tal catástrofe...[...] “Nosso país está em terapia intensiva”.

Domínio-fonte: corpo doente

Domínio-alvo: economia

Função cognitiva: justificar a adoção de medidas drásticas como um tratamento necessário e inevitável.

A metáfora conceptual ECONOMIA É UM CORPO DOENTE pode ser descrita, à luz da LC, como um caso de metáfora ontológica, na qual um domínio abstrato é compreendido em termos de um domínio mais concreto e experiencial. O domínio-alvo “economia” é ativado por expressões como “hiperinflação” e “catástrofe” que remetem ao funcionamento econômico do país e à avaliação de seu estado atual. Já o domínio-fonte “corpo doente” é acionado pela expressão “nosso país está em terapia intensiva”, que evoca um organismo em condição crítica, dependente de cuidados médicos urgentes.

A projeção metafórica ocorre quando características associadas ao corpo enfermo, fragilidade, risco de colapso e necessidade de intervenção imediata, são mapeadas sobre o domínio da economia nacional. Esse mapeamento permite que um fenômeno complexo e abstrato seja conceptualizado de maneira concreta, facilitando sua compreensão por

meio de experiências corporais compartilhadas. Assim, a metáfora organiza o raciocínio sobre a situação econômica ao estruturá-la como um estado patológico, em que ações corretivas são conceptualizadas como formas de tratamento ou recuperação.

b) O ESTADO É UM MONSTRO OU INIMIGO (metáfora conceptual ontológica)

Excerto: “O Estado é uma máquina de destruição da riqueza” [...] “Vamos cortar pela raiz o parasitismo estatal”.

Domínio-fonte: inimigo / monstro

Domínio-alvo: administração pública / burocracia estatal

Função cognitiva: criar uma oposição radical entre Estado e povo, justificando cortes e privatizações.

O domínio-fonte é ativado por expressões como “máquina de destruição da riqueza” e “parasitismo estatal”. A noção de “parasitismo” remete a um organismo que sobrevive à custa de outro, causando-lhe dano, o que aproxima o Estado de uma entidade viva hostil ao corpo social. De modo semelhante, a expressão “cortar pela raiz” evoca a necessidade de eliminar algo nocivo desde sua origem, reforçando a conceptualização do Estado como uma ameaça que precisa ser neutralizada. No mapeamento metafórico, propriedades do domínio-fonte, agressividade, capacidade de causar prejuízo e existência à custa de um hospedeiro, são direcionadas para o domínio-alvo “administração pública / burocracia estatal”. Esse processo de conceptualização permite compreender o Estado não como uma estrutura abstrata, mas como uma entidade animada e prejudicial, cuja redução ou eliminação é concebida como uma ação racional e necessária.

Assim, do ponto de vista da Linguística Cognitiva, o domínio-fonte não é ativado exclusivamente pela categoria “inimigo”, mas por um conjunto de expressões que acionam esquemas corporificados de ameaça, dano e sobrevivência predatória, sustentando a metáfora ontológica que estrutura o raciocínio sobre o papel do Estado.

c) GOVERNO ANTERIOR É UMA HERANÇA MALDITA (metáfora conceptual orientacional)

“Nenhum governo herdou uma situação tão catastrófica como a nossa.” (expressão metafórica referindo-se a um passado, anterior).

Trecho: “Deixe-me ser muito claro sobre isso. Nenhum governo recebeu uma herança pior do que a que estamos recebendo. O *Kirchnerismo*, nos seus primórdios, vangloriou-se de ter superávits gêmeos. Hoje, deixa-nos com déficits gêmeos de 17 pontos do PIB. Por sua vez, desses 17 pontos do PIB, 15 correspondem ao *déficit* consolidado entre o Tesouro e o Banco Central. Portanto, não existe solução viável que evite atacar o *déficit* fiscal”.

Domínio-fonte: herança / legado

Domínio-alvo: situação econômica e política recebida

Função cognitiva: transferir responsabilidade à gestão anterior, criando uma base para a própria atuação.

Neste excerto, Milei recorre a uma metáfora ontológica para dar corpo a problemas abstratos de gestão econômica. Ao afirmar que nenhum governo recebeu uma “herança catastrófica”, ele personifica os déficits e desequilíbrios fiscais como um legado

palpável que pesa sobre seu governo, criando uma narrativa de urgência e gravidade. Essa estratégia permite que o público visualize os efeitos de políticas passadas como forças tangíveis e negativas, justificando cognitivamente intervenções radicais no Estado e na economia. A metáfora reforça a percepção de crise absoluta e legitima a necessidade de ações decisivas, posicionando o governo como agente capaz de corrigir o dano.

d) ECONOMIA É UMA GUERRA (metáfora conceptual ontológica)

Excertos: “Estamos em guerra contra a inflação”; “Vamos a derrotar o modelo empobrecedor”.

Domínio-fonte: conflito bélico

Domínio-alvo: política econômica

Função cognitiva: mobilizar a população em torno de um “inimigo comum” e justificar medidas impopulares como parte de uma batalha.

No primeiro excerto, a expressão metafórica está ligada a uma metáfora ontológica porque transforma inflação e modelo econômico em inimigos concretos que podem ser combatidos, derrotados e eliminados. Já no segundo exemplo, recorreu-se a uma orientação, pois a guerra implica movimento direcional (avanço, derrota do inimigo), mas o núcleo é ontológico, já que a economia passa a ser entendida como campo de batalha.

As expressões metafóricas “estamos em guerra contra a inflação” e “vamos derrotar o modelo empobrecedor” revelam a forma como o enunciador estrutura cognitivamente a economia como um campo de batalha. Pela metáfora conceptual ECONOMIA É GUERRA, fenômenos como inflação ou modelos de gestão são personificados como inimigos concretos que ameaçam a nação. Essa construção cognitiva simplifica a complexidade dos processos econômicos, convertendo-os em conflitos dicotômicos de vitória ou derrota, bem/mal. Além disso, o recurso linguístico utilizado produz um efeito persuasivo, pois convoca os cidadãos a se posicionarem como combatentes ao lado do governo, naturalizando medidas de austeridade como “armas” necessárias na luta.

e) A ARGENTINA É UMA CONSTRUÇÃO (metáfora conceptual ontológica)

Excertos: “Vamos reconstruir o país”; “O que herdamos é terra arrasada”.

Domínio-fonte: arquitetura / destruição física

Domínio-alvo: situação institucional e econômica da nação

Função cognitiva: posicionar o novo governo como o “reconstrutor” após a destruição causada por gestões anteriores.

No texto, as expressões “Vamos reconstruir o país” e “O que herdamos é terra arrasada” concebem a metáfora conceptual A ARGENTINA É UMA CONSTRUÇÃO/EDIFÍCIO, em que o domínio-fonte da arquitetura e da engenharia é projetado sobre o domínio-alvo da nação e da economia argentina. Nesse enquadramento, o país é concebido como um espaço físico destruído, reduzido a ruínas, mas suscetível de ser restaurado mediante um processo de reconstrução. Trata-se de uma metáfora

ontológica, pois atribui à abstração “nação” características de uma entidade material, permitindo conceber ações concretas de “erguer” e “reformular”.

A função discursiva dessa escolha é dupla: por um lado, dramatiza o legado do governo anterior, apresentando-o como “terra arrasada”, uma herança de devastação; por outro, confere ao orador a posição de arquiteto e restaurador da pátria, capaz de promover a “reconstrução”. Assim, a metáfora organiza cognitivamente a compreensão da crise argentina, bem como legitima medidas radicais de mudança ao naturalizar a ideia de que, diante da destruição, a única saída possível é o recomeço a partir de novas bases, novos aliados, novo modelo de fazer política, por exemplo.

f) A MUDANÇA É UMA JORNADA (metáfora conceptual orientacional)

“Hoje começa o caminho da reconstrução”; “Seguiremos firmes nessa travessia”.

Domínio-fonte: viagem / deslocamento no espaço

Domínio-alvo: transição política e econômica

Função cognitiva descrita acima é criar a ideia de progresso linear, mesmo que lento, dando sentido de direção e propósito às ações do governo.

Acima, as expressões “Hoje começa o caminho da reconstrução” e “Seguiremos firmes nessa travessia” exemplificam a metáfora conceptual A MUDANÇA É UMA JORNADA, na qual o domínio-fonte da viagem/deslocamento no espaço é projetado sobre o domínio-alvo da transição política e econômica. Essas formulações se enquadram nas metáforas orientacionais, pois são voltadas à compreensão da mudança em termos de movimento no espaço físico, com pontos de partida, trajetórias e metas a serem alcançadas.

A função cognitiva desse enquadramento é criar um sentido de direção e propósito para as ações governamentais, transmitindo a ideia de progresso linear, ainda que árduo ou lento, rumo a um futuro melhor. Ao associar o governo a uma jornada coletiva, Milei posiciona o povo argentino como companheiro de viagem, enquanto se coloca como guia responsável por conduzir o trajeto. A metáfora legitima o projeto político ao transformar a crise econômica em um caminho a ser percorrido e a promessa de mudança em uma travessia inevitável, conferindo coerência, esperança e continuidade ao discurso.

g) SOCIEDADE É UM ORGANISMO (metáfora conceptual ontológica)

Trecho: “Vamos curar as feridas causadas por décadas de decadência”.

Domínio-fonte: biologia / saúde humana

Domínio-alvo: convivência social e institucional

Função cognitiva: apresentar o novo governo como um agente de restauração moral e funcional.

O excerto “Vamos curar as feridas causadas por décadas de decadência” aciona a metáfora conceptual SOCIEDADE É UM ORGANISMO que precisa de cura, que se enquadra no tipo ontológico, pois projeta características de um corpo humano, suscetível a feridas, doenças e tratamentos sobre a sociedade argentina. A partir desse mapeamento,

a decadência política e econômica é entendida como uma patologia, enquanto o governo assume a função de médico capaz de aplicar a cura.

Além da função cognitiva de estruturar a compreensão da crise, a metáfora cumpre um papel persuasivo ao dramatizar a gravidade da situação nacional e legitima o governante como agente restaurador da saúde social e institucional. O discurso beira um forte apelo emocional, mobilizando esperança e confiança no novo projeto político, ao mesmo tempo em que atribui às gestões anteriores a responsabilidade pelo “adoecimento” do país.

h) NAÇÃO É UMA FAMÍLIA (metáfora conceptual ontológica)

Exemplo: “Vamos resgatar os valores que aprendemos em casa: esforço, mérito, responsabilidade”.

Domínio-fonte: núcleo doméstico / família tradicional

Domínio-alvo: organização sociopolítica da nação

Função cognitiva: construir unidade nacional por meio da moral familiar conservadora.

O trecho “Vamos resgatar os valores que aprendemos em casa: esforço, mérito, responsabilidade” evoca a metáfora conceptual NAÇÃO É UMA FAMÍLIA, classificada como ontológica, uma vez que transfere atributos do domínio concreto e experiencial da vida familiar para o domínio abstrato da organização sociopolítica da nação. Nesse enquadramento, os cidadãos são exemplificados como membros de uma mesma família, unidos por laços de valores morais, enquanto o governante assume a posição de guia ou “pai” responsável por resgatar e reafirmar princípios considerados fundamentais.

Por fim, a projeção metafórica cumpre a função cognitiva de simplificar a complexidade social, tornando-a compreensível por meio de modelos relacionais ancorados na experiência cotidiana dos indivíduos. No entanto, é importante destacar que o presente estudo não se propõe a mapear exaustivamente todas as metáforas presentes no discurso de posse de Javier Milei, mas concentra-se na seleção e análise das metáforas conceptuais que acionam os domínios de “economia, país, estado”.

Esse recorte se justifica pelo objetivo central da pesquisa, que consiste em investigar como Milei conceptualiza o Estado argentino e sua situação institucional e econômica, a partir dos mapeamentos metafóricos recorrentes em seu discurso inaugural. Ao privilegiar metáforas associadas a esses domínios, o estudo busca compreender os modelos cognitivos por meio dos quais o enunciador organiza sua interpretação da realidade nacional, deixando de lado outras possíveis metáforas acionadas no discurso, relativas, por exemplo, à moral, à família ou à identidade individual, que extrapolariam o escopo analítico aqui delimitado. Dessa forma, a análise mantém coerência interna e focaliza os mecanismos cognitivos que estruturam a compreensão do Estado e da nação no projeto político apresentado pelo presidente argentino.

5 CONCLUSÃO

A análise das metáforas conceptuais presentes no discurso de posse de Javier Milei revelou um intrincado funcionamento argumentativo e cognitivo, no qual a linguagem

metafórica ultrapassa o campo do estilo ou da ornamentação para se configurar como um mecanismo central de estruturação do pensamento político. À luz da Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff & Johnson, 1980), observou-se que Milei recorre a esquemas metafóricos que traduzem conceitos econômicos, políticos e morais abstratos em imagens concretas, corporificadas e emocionalmente mobilizadoras, tornando o discurso mais acessível, persuasivo e ideologicamente eficaz.

As metáforas analisadas, como A ECONOMIA É UM CORPO DOENTE, O ESTADO É UM MONSTRO OU INIMIGO, GOVERNO ANTERIOR É UMA HERANÇA MALDITA, A ECONOMIA É UMA GUERRA, A ARGENTINA ESTÁ EM RUÍNAS, A MUDANÇA É UMA JORNADA, SOCIEDADE É UM ORGANISMO QUE PRECISA DE CURA, NAÇÃO É UMA FAMÍLIA, evidenciam uma visão de mundo sustentada na ideia de crise, ruptura e salvação. Nessa lógica, Milei constrói um discurso de oposição radical ao sistema político anterior, legitimando suas propostas liberais como terapias de cura e reconstrução moral da nação. Ao enquadrar a crise argentina por meio de metáforas de guerra, doença e destruição, o presidente reposiciona-se discursivamente como agente messiânico de redenção, apresentando-se simultaneamente como médico, guerreiro e arquiteto da nova Argentina.

Também, é válido abordar que as metáforas, além de sua função cognitiva, cumprem uma função ideológica, pois direcionam a percepção do real, moldando valores e crenças sobre o papel do Estado, do povo e do governante. Ao associar o Estado à imagem de um inimigo, a esquerda a uma droga, e o povo a uma vítima ou a um refém, Milei estabelece fronteiras simbólicas entre o bem e o mal, o puro e o corrupto, o novo e o velho. Assim, o discurso metafórico opera como instrumento de legitimação política, naturalizando medidas de austeridade e reformas drásticas, como ações moralmente justificáveis e necessárias à sobrevivência nacional.

As metáforas estudadas nesta pesquisa demonstram a conceptualização de Milei sobre o Estado argentino e a crise socioeconômica do país. Ao transformar a linguagem em um campo de batalha simbólica, o presidente reforça a ideia de que o poder político também é o poder de nomear, de representar e de fazer ver. Portanto, compreender suas expressões metafóricas é compreender os alicerces ideológicos e cognitivos sobre os quais se erige a narrativa de seu governo e o imaginário político que busca instaurar na Argentina contemporânea.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. São Paulo: Ediouro, 2001.

CARNEIRO, Monica Fontenelle. *Dos manuais didáticos à compreensão do aprendiz: a relevância da metáfora no ensino-aprendizagem de Inglês como Língua Estrangeira (ILE)*. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – [Universidade Federal do Ceará - UFC], [Fortaleza], 2009.

CARNEIRO, Monica Fontenelle. *Emergência de metáforas sistemáticas na fala de mulheres vítimas diretas de violência doméstica: uma análise cognitivo-discursiva*. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – [Universidade Federal do Ceará], [Fortaleza-CE], 2014.

CHARTERIS-BLACK, J. *Politicians and Rhetoric*. London: Palgrave, 2005.

PADIN, Guilherme, colaboração para a CNN Brasil. CNN BRASIL. Posse de Milei: confira o discurso de posse do novo presidente argentino na íntegra. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/posse-de-milei-confira-o-discurso-de-posse-do-novo-presidente-argentino-na-integra/>. Acesso em 2 jul. 2025.

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de Mara Sophia Zanotto. São Paulo: EDUC, 2002.

SILVA, Augusto Soares. A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades*, v. 1, n. 1, p. 59-101, 1997.

CARVALHO, Carla. InfoMoney. A crise na Argentina em 5 pontos – e os desafios que Milei encontrará como presidente. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/economia/desafios-economicos-javier-milei-presidencia-crise-argentina/>. Acesso em: 2 jul. 2025.

ANEXOS

Anexo A – Discurso de posse do presidente Javier Milei (Argentina, 2023)

Confira o discurso de Milei na íntegra:

“Hoje começa uma nova era na Argentina. Hoje encerramos uma longa e triste história de decadência e declínio, e iniciamos o caminho da reconstrução do nosso país. Os argentinos, de forma contundente, expressaram uma vontade de mudança que não tem retorno. Não há caminho de volta. Hoje enterramos décadas de fracassos, brigas internas e disputas sem sentido. Lutas que só nos permitiram destruir o nosso querido país e nos deixar na ruína. Hoje começa uma nova era na Argentina, uma era de paz e prosperidade, uma era de crescimento e desenvolvimento, uma era de liberdade e progresso. Um grupo de cidadãos argentinos reunidos em San Miguel de Tucumán disse ao mundo que as províncias unidas do Rio da Prata já não eram uma colônia espanhola e que a partir desse momento histórico seríamos uma nação livre e soberana. Durante décadas enfrentamos disputas internas sobre a forma institucional que o nosso país necessitava. Em 1853, após 40 anos de declaração de independência sob os auspícios de um pequeno grupo de jovens idealistas que hoje conhecemos como a Geração de 37, decidimos abraçar as ideias de liberdade. Assim se sanciona uma constituição liberal com o objetivo de assegurar os benefícios da

liberdade para nós, para a nossa posteridade e para todos os homens do mundo que queiram habitar o solo argentino.

O que veio depois da sanção daquela constituição com fortes raízes liberais foi a expansão econômica mais impressionante da nossa história. De um país de bárbaros envolvidos numa guerra total, tornamo-nos a principal potência mundial. No início do século XX éramos o farol de luz do Ocidente. As nossas costas acolheram de braços abertos milhões de imigrantes que fugiram de uma Europa devastada em busca de um horizonte de progresso. Infelizmente, a nossa liderança decidiu abandonar o modelo que nos enriqueceu e abraçou as ideias de liberdade e as ideias empobrecedoras do coletivismo. Há mais de 100 anos que os políticos insistem em defender um modelo que só gera pobreza, estagnação e miséria. Um modelo que considere que os cidadãos existem para servir a política e não que a política existe para servir os cidadãos. Um modelo que considera que a tarefa do político é dirigir a vida dos indivíduos em todas as áreas e esferas possíveis. Um modelo que considera o Estado como um despojo de guerra que deve ser distribuído entre amigos. Senhores, esse modelo falhou. Hoje iniciamos a reconstrução deste modelo. Mas falhou especialmente em nosso país. Tal como a queda do Muro de Berlim marcou o fim de um período trágico para o mundo, estas eleições marcaram o ponto de virada da nossa história. Hoje em dia muito se tem falado sobre a herança que vamos receber.

Deixe-me ser muito claro sobre isso. Nenhum governo recebeu uma herança pior do que a que estamos recebendo. O Kirchnerismo, nos seus primórdios, vangloriou-se de ter superávits gêmeos. Isto é superávit fiscal e externo. Hoje, deixa-nos com déficits gêmeos de 17 pontos do PIB. Por sua vez, desses 17 pontos do PIB, 15 correspondem ao déficit consolidado entre o Tesouro e o Banco Central. Portanto, não existe solução viável que evite atacar o déficit fiscal. Ao mesmo tempo, desses 15 pontos do déficit fiscal, 5 correspondem ao Tesouro Nacional e 10 ao Banco Central. Portanto, a solução implica, por um lado, um ajuste fiscal no setor público nacional de 5 pontos do PIB, que, ao contrário do passado, recairá quase inteiramente sobre o Estado e não sobre o setor privado. Por outro lado, é necessário limpar o passivo remunerado do Banco Central, responsável pelo seu déficit de 10 pontos. Desta forma, se colocaria fim à emissão de dinheiro e, com ela, à única causa da inflação que é empiricamente certa e válida em termos teóricos.

No entanto, dado que a política monetária atua com uma defasagem que varia entre 18 e 24 meses, mesmo que paremos de emitir dinheiro hoje, continuaremos a pagar os custos da violência monetária do governo anterior. Ter emitido por 20 pontos do PIB, como foi feito no governo anterior, não é gratuito. Vamos pagar por isso com a inflação. Ao mesmo tempo, a taxa de câmbio, outro legado deste governo, não constitui apenas um pesadelo social e produtivo, porque implica altas taxas de juros, baixo nível de atividade, baixo nível de emprego formal e salários reais miseráveis que impulsionam o aumento dos pobres destituídos, mas também o superávit de dinheiro na economia hoje é o dobro do que foi no passado. Para se ter uma ideia do que isso implica, lembremos que o “Rodrigazo” multiplicou a taxa de inflação por 6 vezes, então um evento semelhante significaria multiplicar a taxa de inflação por 12 vezes e, dado que tem viajado a uma taxa de 300% , poderíamos chegar a uma taxa anual de 3.600.

Ao mesmo tempo, dada a situação do passivo remunerado do Banco Central, inferior ao que existia antes da hiperinflação de Alfonsín, em muito pouco tempo a quantidade de dinheiro poderia quadruplicar e assim levar a uma inflação a níveis de 15.000%. anualmente. Este é o legado que nos deixam: uma inflação plantada de 15.000% ao ano, que vamos lutar com unhas e dentes para acabar.

O governo anterior nos deixou com a hiperinflação e é nossa principal prioridade fazer todos os esforços possíveis para evitar tal catástrofe que levaria à pobreza acima de 90% e à indigência acima de 50%. Consequentemente, não existe solução alternativa ao ajuste. Por outro lado, a herança não termina aí, uma vez que os desequilíbrios nas taxas são comparáveis ao desastre que o kirchnerismo deixou em 2015. Ao nível cambial, a diferença oscila entre 150% e 200%, níveis também semelhantes aos que tivemos no “Rodrigazo”.

Ao mesmo tempo, a dívida aos importadores ultrapassa os 30 mil milhões de dólares e os lucros retidos pelas empresas estrangeiras atingem os 10 mil milhões de dólares. A dívida do Banco Central e da YPF totaliza 25 bilhões de dólares e a dívida pendente do Tesouro totaliza mais 35 bilhões de dólares. Esta é a bomba em termos de dívida de 100 mil milhões de dólares que deverá somar-se aos quase 420 mil milhões de dólares de dívida já existentes. Naturalmente, a estes problemas devemos acrescentar também os vencimentos da dívida este ano, onde os vencimentos da dívida em pesos equivalem a 90.000 milhões de dólares e 25.000 milhões de dólares em moedas estrangeiras com organismos multilaterais de crédito. No entanto, com os mercados financeiros fechados e o acordo com o FMI caído devido aos incumprimentos brutais do governo cessante, a rolagem da dívida é extremamente desafiadora mesmo para os míticos ciclopes. Como se não bastasse tudo isto, isto acontece numa economia que não cresce desde 2011.

Alinhado a isso, o emprego formal no setor privado permanece estagnado em 6 milhões de empregos, chegando ao ponto em que ultrapassou os 33% devido ao emprego informal. Portanto, não deveria surpreender ninguém que tenham sido destruídos os salários reais, situados em torno de 300 dólares mensais, que não só são 6 vezes inferiores aos da conversibilidade, mas se a tendência daqueles anos tivesse se mantido, ou como a chamavam, maldito neoliberalismo, hoje oscilariam entre 3.000 e 3.500 dólares por mês. Eles arruinaram nossas vidas. Eles nos fizeram baixar nossos salários dez vezes. Portanto, não devemos nos surpreender com o fato de o populismo nos deixar 45% pobres e 10% indigentes. Depois desta situação, que parece claramente irrecuperável, deve ficar claro que não há alternativa possível ao ajuste fiscal. Também não há espaço para discussão entre choque e gradualismo. Em primeiro lugar, porque do ponto de vista empírico, todos os programas gradualistas terminaram mal, enquanto todos os programas de choque, excepto o de 1959, foram bem sucedidos. Em segundo lugar, porque do ponto de vista teórico, se um país não tiver reputação, como infelizmente é o caso da Argentina, os empresários não investirão até verem o ajuste fiscal tornando-o recessivo. Em terceiro lugar, e não menos importante, para alcançar o gradualismo é necessário que haja financiamento. E infelizmente, devo dizer novamente, não há dinheiro.

Portanto, a conclusão é que não há alternativa ao ajuste e não há alternativa ao choque. Naturalmente, isto terá um impacto negativo no nível de atividade, no emprego, nos salários reais e no número de pessoas pobres e indigentes. Haverá estagflação, é verdade, mas não é muito diferente do que aconteceu nos últimos 12 anos. Lembremos que nos últimos 12 anos o PIB per capita caiu 15% num contexto em que acumulamos uma inflação de 5.000%. Portanto, vivemos em estagflação há mais de uma década. Portanto, esta é a última bebida ruim para iniciar a reconstrução da Argentina. E quanto melhor for a nossa contenção por parte do Ministério do Capital Humano, a situação começará a melhorar. Ou seja, haverá luz no fim do túnel. No caso alternativo, a proposta sensata era progressista, cuja única fonte de financiamento é a emissão de dinheiro, enfraqueceria numa hiperinflação que levaria o país à pior crise da sua história, somada ao facto de nos colocarem numa espiral decadente que nos igualaria às trevas da Venezuela de Chávez e Maduro.

Portanto, depois de tal situação, não pode haver dúvida de que a única opção possível é o ajuste, um ajuste ordenado que recaia com toda a sua força sobre o Estado e não sobre o setor privado. Sabemos que será difícil, por isso também quero trazer para vocês uma frase marcante de um dos melhores presidentes da história argentina, que foi Julio Argentino Roca. 'Nada de grande, nada de estável e duradouro é alcançado no mundo quando se trata da liberdade dos homens e da gratidão das pessoas, se não for à custa de esforços supremos e sacrifícios dolorosos'.

Mas os nossos desafios não terminam apenas a nível económico. O nível de deterioração no nosso país é tal que abrange todas as esferas da vida comunitária. Em termos de segurança, a Argentina tornou-se um banho de sangue. Os criminosos ficam em liberdade enquanto os bons argentinos ficam presos atrás das grades. O tráfico de drogas tomou conta lentamente de nossas ruas a tal ponto que uma das cidades mais importantes do nosso país foi sequestrada pelo narcotráfico e pela violência. As nossas forças de segurança

foram humilhadas durante décadas, foram abandonadas por uma classe política que virou as costas a quem cuida de nós. A anomia é tal que apenas 3% dos crimes são condenados. Acabou o 'vá em frente' aos criminosos.

Em matéria social, estamos a receber um país onde metade da população é pobre, com o tecido social completamente rompido. Mais de 20 milhões de argentinos não conseguem viver uma vida digna porque são prisioneiros de um sistema que só gera mais pobreza. Como diz o grande Jesús Huerta de Soto, os planos anti-pobreza geram mais pobreza. A única maneira de sair da pobreza é com mais liberdade. Ao mesmo tempo, 6 milhões de crianças esta noite irão dormir com fome, que andam descalças na rua e outras que caíram nas drogas. O mesmo acontece em questões educacionais. Para que tenham ideia da deterioração que vivemos, só 16% de nossos chicos se terminam em tempo a escola, somente 16%, apenas 16%, apenas 16 em cada 100. Ou seja, 84% das nossas crianças não terminam a escola a tempo e de forma adequada. Ao mesmo tempo, 70% das crianças que terminam a escola não conseguem resolver um problema básico de matemática ou compreender um texto. Na verdade, nas últimas avaliações do PISA, a Argentina está classificada em 66º lugar entre 81, e em sétimo lugar na América Latina. Sendo que a Argentina foi o primeiro país a acabar com a alfabetização no mundo. Se Sarmiento se levantasse e visse o que fizeram com a educação.

Em termos de saúde, o sistema está completamente em colapso. Hospitais são destruídos, médicos recebem uma miséria e os argentinos não têm acesso a cuidados de saúde básicos. Tanto é que, durante a pandemia, se nós, argentinos, tivéssemos feito coisas como a média dos países do mundo, teríamos tido 30 mil mortes. Mas graças ao estado de descuido e ineficiência, 130 mil argentinos perderam a vida.

Em todas as esferas, para onde quer que se olhe, a situação na Argentina é uma emergência. Se olharmos para a infraestrutura do nosso país, a situação é a mesma. Apenas 16% das nossas estradas são pavimentadas e apenas 11% estão em boas condições. Portanto, não é por acaso que cerca de 15 mil argentinos morrem por ano em acidentes de trânsito. O que quero ilustrar com tudo isto é que a situação na Argentina é crítica e emergencial. Não temos alternativas e também não temos tempo. Não temos espaço para discussões estéreis.

Nosso país exige ação e ação imediata. A classe política deixou um país à beira da crise mais profunda. Cada um deles terá que cuidar de sua própria responsabilidade. Não é meu trabalho apontá-los. Não buscamos nem desejamos as decisões difíceis que terão de ser tomadas nas próximas semanas. Mas infelizmente eles não nos deixaram escolha. Contudo, nosso compromisso com os argentinos é inalterável. Vamos tomar todas as decisões necessárias para resolver o problema causado por 100 anos de desperdício da classe política. Mesmo que seja difícil no início. Sabemos que no curto prazo a situação irá piorar. Mas então veremos os frutos dos nossos esforços, tendo criado as bases para um crescimento sólido e sustentável ao longo do tempo.

Sabemos também que nem tudo está perdido. Os desafios que temos são enormes. Mas também é a nossa capacidade de superá-los. Não vai ser fácil: 100 anos de fracasso não são desfeitos num dia. Mas um dia começa. E hoje é esse dia. Hoje começamos a desatar o caminho da decadência e começamos a trilhar o caminho da prosperidade. Temos tudo para ser o país que sempre sonhamos. Temos os recursos, temos as pessoas, temos a criatividade e, muito mais importante, temos a resiliência para progredir. Hoje abraçamos mais uma vez as ideias de liberdade, aquelas ideias que se resumem na definição de liberalismo do nosso maior herói das ideias de liberdade, o professor Alberto Venegas Lynch, que diz que 'liberalismo é o respeito irrestrito pelo projeto de vida de outros baseados no princípio da não agressão, em defesa do direito à vida, à liberdade e à propriedade, cujas instituições fundamentais são a propriedade privada, os mercados livres de intervenção estatal, a livre concorrência, a divisão do trabalho e a cooperação social'.

Nessa frase de 57 palavras está resumida a essência do novo contrato social que os argentinos escolheram. Este novo contrato social oferece-nos um país diferente, um país onde o Estado não dirige as nossas vidas, mas antes salvaguarda os nossos direitos, um país onde quem o faz paga. Um país em que quem bloqueia a

rua violando os direitos dos seus concidadãos não recebe assistência da sociedade, nos nossos termos, quem bloqueia a rua não recebe. Mas nada é permitido fora da lei. Um país que contém quem precisa, mas não se deixa extorquir por quem usa quem menos tem para enriquecer. Quanto à classe política argentina, quero dizer-lhes que não viemos para perseguir ninguém, não viemos para resolver velhas vinganças nem para discutir espaços de poder. O nosso projeto não é um projeto de pagamento de dívidas, o nosso projeto é um projeto de país. Não pedimos um acompanhamento cego, mas não toleraremos que a hipocrisia, a desonestidade ou a ambição de poder interfiram na mudança que nós, argentinos, escolhemos. Damos as boas-vindas a todos os líderes políticos, sindicais e empresariais que desejam ingressar na nova Argentina de braços abertos. Então, não importa de onde você vem, não importa o que você fez antes, a única coisa que importa é para onde você quer ir. Aqueles que querem usar a violência ou a extorsão para provocar mudanças, lhes dizemos que estão contra nós. Aqueles que querem usar a violência ou a extorsão para provocar mudanças, lhes dizemos que estão contra nós. Dizemos que vocês encontrarão um presidente com convicções inabaláveis que utilizará todos os recursos do Estado para avançar nas mudanças que nosso país necessita. Não vamos desistir, não vamos recuar, não vamos desistir. Vamos avançar nas mudanças que o país necessita porque temos a certeza de que abraçar as ideias de liberdade é a única forma de sairmos do buraco em que fomos colocados. Obrigado. O desafio que temos diante de nós é titânico, mas a verdadeira força de um povo mede-se na forma como enfrenta os desafios quando estes surgem.

E cada vez que acreditamos que a nossa capacidade de superar esses desafios foi alcançada, olhamos para o céu e lembramos que essa capacidade pode muito bem ser ilimitada. O desafio é enorme, mas vamos enfrentá-lo com convicção, trabalharemos incansavelmente e chegaremos ao nosso destino. Não é por acaso que esta posse presidencial ocorre durante o feriado de Hanukkah, o festival da luz, uma vez que celebra a verdadeira essência da liberdade. A guerra dos Macabeus é o símbolo do triunfo dos fracos sobre os poderosos, dos poucos sobre os muitos, da luz sobre as trevas e sobre todas as coisas, da verdade sobre as mentiras, porque você sabe que prefiro lhe contar uma incômoda verdade em vez de uma mentira confortável. Estou convencido de que vamos avançar. Lembro-me de quando, há dois anos, junto com a Dra. Villaruel, hoje vice-presidente da Nação, entramos nesta casa como deputados. Lembro-me de uma entrevista que me disseram, mas se forem dois em 257, não poderão fazer nada. E lembro também que naquele dia a resposta foi uma citação do livro Macabeus 3.19 que diz que a vitória na batalha não depende do número de soldados, mas sim das forças que vêm do céu. Portanto, Deus abençoe os argentinos e que as forças do céu nos acompanhem neste desafio. Muito obrigado. Será difícil, mas vamos conseguir. Viva a liberdade, caral*! Viva a liberdade, caral*! Viva a liberdade, caral*!"

Recebido em: 31/10/2025

Aprovado em: 30/11/2025

Publicado em: 08/01/2026